

«DIOGO-CAÃO»

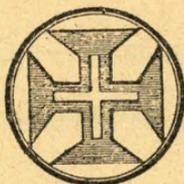
Revista Ilustrada

— de —

Assuntos Históricos Angolanos

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —



SUMÁRIO

O arquivo da Câmara Eclesiástica de Luanda — O bispo-eleito dom Leonardo José Vilela — Os Bens dos Conventos de Luanda, em 1834 — Os três padres Falcões, luanenses — João Fernandes Vieira & André Vidal de Negreiros — Os Portugueses & os Ingêleses — História brasileiro-lusô-angolana — Três assentos de óbito de governadores de Angola — Moedas ou macutas, simples e carimbadas — O arimo de Bruto ou a actual fazenda de Bom-Jesus, na margem direita do rio Quanza

TIRAGEM : 1.000 EXEMPLARES

LISBOA

== 1933 ==

«DIOGO-CAÃO»

= Rua Augusta, 44 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e Aluno do Curso
Superior de Bibliotecário-Arquivista

Vende-se em LUANDA, nas Livrarias:

MINERVA, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida Salvador Correia — Caixa postal 291.

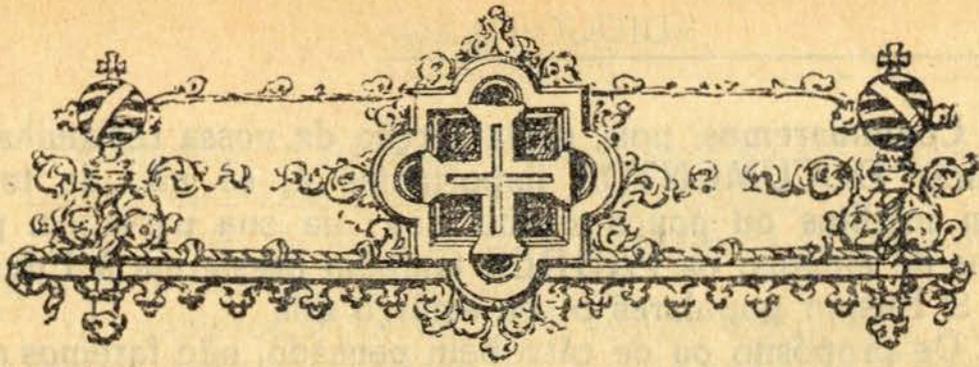
Preço do número avulso	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

Também ali se encontram à venda números da 1.^a série.

Vendem-se algumas colecções da I série:

Os 10 números em brochura.....	55\$00
Num volume cartonado	60\$00

Número avulso da II série, em Lisboa 3\$50



História Eclesiástica

MISSIONÁRIOS & MISSÕES

As missões dos XVI e XVII séculos faltavam elementos de primeira importância para um bom resultado definitivo, como era o elemento feminino na educação da MULHER INDÍGENA : os nossos grandes esforços nunca deram resultado completo, porque ficámos sempre a meio caminho.

Um MISSIONÁRIO, por melhor que o suponhamos, nunca será apto para instruir convenientemente o elemento feminino indígena, que é talvez o mais importante pela influência que forçosamente há-de desempenhar na vida social da FAMÍLIA PRETA.

Dom António Barroso.



BEM O SABEM OS NOSSOS LEITORES, nós não limitamos as nossas investigações históricas tam somente a velhos e antigos assúntos da vida política e económica de ANGOLA : têm logar marcado no nosso PROGRAMA ou muito nos interessam o facto e a acção das missões religiosas, cuja função espiritual e moral e educativa merece ser vulgarizada ou conhecida.

Continuaremos, pois, nesta secção da nossa revistinha, a publicar DOCUMENTOS importantes e, se não de todo, quasi inéditos ou pouco conhecidos: na sua passagem por terras de Angola, os PADRES também prestaram à Educação & Ensino populares o seu esforço útil.

De propósito ou de caso bem pensado, não faremos crítica ou comparações: também não apreciaremos ou discutiremos os factos, quer diminuindo-lhes, quer carregando-lhes o seu valor social.

Do nosso penoso trabalho de búscas e rebúscas pelos poirentos arquivos temos por costúme não fazer caixinha ou sigilo: a tôda a gente e pâra tôda a gente as páginas da História-de-Angola são proveitosas ou necessárias, porque, no presente, mostram-nos os erros, que devemos evitar ou não repetir.

Não temos o direito de ser ingratos para com os nossos ANTEPASSÁDOS: antes, devemos ser dignos herdeiros e imitadores inteligentes de seu valioso e exemplar trabalho.

LISBOA, Nov. /1933.

Padre RUELA.

Câmara Eclesiástica de Luanda

No Livro número dez de Pastorais, Ofícios e outros Documentos do Arquivo da Câmara Eclesiástica de Luanda, na fôlha ou termo de Abertura, está ou encontra-se o seguinte Documento:

— «O primeiro Livro de Pastorais, que julgo: teria começado no tempo do il.^{mo} bispo d. frei Manuel da Natividade, pelos anos de 1676, se não acha presentemente na Câmara Eclesiástica, onde a incúria de alguns escrivães dela — por um lado, e o salalé — por outro, deram cabo dos livros e papéis mais importantes, tendo-me sido nîmiamente trabalhoso o salvar o résto e pôr tudo na ordem devida. Faço esta DECLARAÇÃO pâra, a todo o tempo, constar. LUANDA, 17 de Março de 1832. — Manuel Patrício Correia de Castro, Vigário-Capitular.» —

Felizmente, o Arquivo Público da Câmara Eclesiástica de Luanda está bem conservado e catalogado.

Não existe, lá, nenhum livro de assentos ou papel-avulso com data anterior a Agosto de 1648.

Nos números seguintes desta revista, voltaremos a escrever muitas notícias relativas ao vigário-capitular Correia de Castro, que foi deputado por Angola à Constituinte de 1822, e prègou em Luanda a oração fúnebre nas exéquias do bispo Póvoas, em 1826.

Livros e papéis queimados

No máço de papéis-avulsos do referido Arquivo, ano de 1852, está ou encontra-se o seguinte documento :

— «TERMO DE CONSÚMO DE LIVROS. — Aos 31 de Março de 1852, nesta Cidade de Sam-Paulo da Assunção de Luanda, sendo no Paço-Episcopal, estando presentes as testemúnhas abaixo assinadas comigo Escrivão da Câmara Eclesiástica e o Almojarife dos Armazéns da Fazenda-Nacional, para efeito de ser consumida ao fogo uma porção de LIVROS dilacerados e incapazes de uso, pertencentes à Mitra deste Bispado e mais PAPÉIS da Câmara Eclesiástica, em virtude da determinação comunicada pelo sobredito Almojarife de Ordem do Ex.^{mo} Sr. Governador-Geral da Província; aí, depois de reunidos os ditos LIVROS & PAPÉIS, que por seu estado de deterioramento se não pode classificar o número dêles e seus autores — foram lançados à fogueira para esse fim preparada, e depois de pequeno espaço se consumiram, reduzindo-se a cinza. E para constar lavrei o presente TERMO, em que todos assinam comigo. Eu, Tomás de Aquino Pinheiro Falcão, Tesoureiro-Mór e Escrivão da Câmara Eclesiástica, o fiz e assinei.» —

— Tomás de Aquino Pinheiro Falcão — Joaquim Pedro da Cunha, Almojarife — Matias José Rebelo, escrivão do registo — José Dias de Araújo, cônego — Narciso Augusto Palhares Malafaia, cônego.» —

Por vezes, às toneladas, têm sido lançados à fogueira, nas barrocas de Luanda, Livros & Papéis, sem prévio exame do seu estado ou valor.

Como acabam de ler, em tempo passado e não mui remoto, esse serviço era feito na presença de testemunhas honradas, que davam ao acto certa e condigna solenidade.

Leonardo José Vilela

O illustre e enérgico bispo dom frei João Damasceno da Silva Póvoas faleceu em Luanda a 21 de Fevereiro de 1826. A 27, foi eleito pelo Cabido o cônego Vilela para Vigário-Capitular e do cargo tomou posse no dia primeiro de Março, como consta no Livro 16 do referido Arquivo, à fôlha 140.

Aparece uma outra nomeação, com a data de 13 de Agosto de 1827 no Livro 20 e fôlha 3, nomeação ou eleição que foi confirmada em Lisboa pelo Núncio no dia dez de Março de 1828, como consta na fôlha 5.

O deão Vilela foi eleito, pelo Governo, bispo de Angola a 27 de Novembro de 1840: no Livro 24, à fôlha duas e seguintes, estão arquivadas várias e diversas Provisões e Cartas-de-Colação, tendo no cabeçalho o título de Bispo Eleito.

No Arquivo do Cabido de Luanda também se encontram documentos avulsos do próprio punho do Bispo Eleito, que assim se assinava.

Eis aqui o assento de óbito do bispo eleito dom Leonardo:

— «Termo pelo falecimento do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo Eleito dom Leonardo José Vilela: Aos 17 dias do mês de Julho de 1841, nesta cidade de Luanda, faleceu da vida presente o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo Eleito desta Diocese dom Leonardo José Vilela, tendo recebido todos os Sacramentos e fez Testamento. Era natural da Cidade e Bispado de Mariana, contando 52 anos de idade. Seu corpo foi conduzido em procissão na tarde de 18 para a Igreja de Sam-João, aonde, no dia seguinte, se lhe fizeram as exéquias relativas à tam alta Dignidade e foi sepultado no Car-

neiro da Sé-Velha ; e, para constar, lavrei este termo que assino. O cônego secretário do Cabido : — Domingos Pereira da Silva Sardinha.» —

Por sua vez, a Santa-Sé não chegou a confirmar a eleição de dom Leonardo : ela lá tinha as suas graves, e também justas, razões.

Aqui ficam estas linhas por acrescentamento ao que está publicado às páginas 280 e 281 da nossa I série.

*

Num livro da Paróquia do Presídio de Pungo-Andongo, MISCELÂNEA, à fôlha 85, vérsô, está arquivada a seguinte CIRCULAR :

— *«Cumpre participar à V.^a Senhoria que na noite de 17 dêste mês. às onze horas, faleceu da vida presente o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo-Eleito desta Diocese — dom Leonardo José Vilela. Vossa Senhoria mandará fazer na sua Paróquia os sufrágios necessários pelo repôuso da alma de nosso Prelado e ficará ciente que, desde hoje, recorrerá ao Reverendo Cônego Magistral António de Azevedo Gaiano, como Vigário-Capitular eleito pelo Rev.^{mo} Cabido, para tudo quanto fôr a bem de sua Paróquia e desta Diocese. DEUS guarde à Vossa Mercê por muitos anos. Luanda, 31 de Julho de 1841. Muito Rev.^{do} Pároco da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Presídio das Pedras-Negras de Pungo-Andongo. — (Assinado) Tomás de Aquino Pinheiro Falcão, Secretário da Câmara Eclesiástica.*

Bens dos Conventos de Luanda

O inventário dos bens dos extintos Conventos de Angola começou a ser feito no dia treze de Novembro de 1834.

No máço de papéis-avulsos, ano de 1834, do Arquivo da Câmara Eclesiástica de Luanda, existem, em bom estado, os seguintes Documentos :

I — FRANCISCANOS. Convento de Sam-José. Cópia dos objectos e alfaias. Recebeu o cónego Leonardo José Vilela. Recusou-se a assinar o auto o Reverendo Administrador. Uma página cheia e mais 11 linhas na segunda.

II — CARMELITAS-DESCALÇOS. Convento de Nossa-Senhora do Carmo. Assinou o auto o Vigário dos Remédios Domingos Pereira da Silva Sardinha, que recebeu as alfaias e roupas. Também assinou o reverendo prior frei Marcelino do Coração de Jesus. Mais tarde, em 16 de Dezembro de 1839, o Governador do Bispado Vilela mandou depositar na caixa-forte da Sé as pratas. Novo inventário de 4 de Fevereiro de 1840.

Missão carmelita de BANGO-AQUITAMBA. — Imagens. Pratas. Metais. Trastes de madeira. Roupa. Recebeu o padre António Maria Lopes.

III — CAPUCHINHOS. Hospício de Santo-António no Bengo e Catete. Inventário. Ouro. Pratas. Alfaias. Imagens. O Hospício ou Igreja do Bengo tinha por padroeira Nossa Senhora dos Anjos. — (C. E. de Luanda, livro 22 de Provisões, à f. 84, v.).

Missão de CAENDA — Prata. Metais. Vidros. Castiçais. Roupas. Em 30 de Novembro de 1835 o padre Garcia Frago dos Santos, vigário de Sam-Joaquim de Luamba, entregou ao Fabriqueiro da Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Ambaca as alfaias que lhe tocaram em repartição.

Não encontrámos o Inventário do Convento dos Capuchinhos de Luanda.

Destino das Igrejas dos Conventos

CAPUCHINHOS — Por Provisão de Outubro de 1834, foi nomeado capelão da Igreja de Santo-António, que foi do extinto Hospício do mesmo nome, — o padre Matias José Rebelo. Idem, por Provisão de 10 de Setembro de 1837, o cónego Tomás de Aquino Pinheiro Falcão.

FRANCISCANOS — Por Provisão de 12 de Janeiro de

1837, foi nomeado capelão, ou confirmada a eleição do cônego José Manuel Gonçalves da Cúnha pãra a Igreja de Sam-José dos Terceiros Franciscanos. Idem, por Provisão de 2 de Fevereiro de 1840, o cônego Tomás de Aquino Pinheiro Falcão.

CARMELITAS — Por Provisão de Novembro de 1834, foi nomeado capelão da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que foi do extinto Convento da mesma Senhora, o padre Francisco de Assis de Andrade.

— O padre António Maria Lage, por Provisão de Janeiro de 1835, foi nomeado pároco da Igreja, que foi da extinta missão de Santo-Hilarião de BANGO-AQUITANBA, no Golungo.

— O governador do Bispado cônego Leonardó José Vilela, a 9 de Setembro de 1837, pediu ao reverendo cônego António de Azevedo Galiano, que residia no ex-convento do Carmo, pãra mandar fazer, na cêrca, a limpeza do logar que ia ser destinado a cemitério provisório.

Os Padres Falcões, luandenses

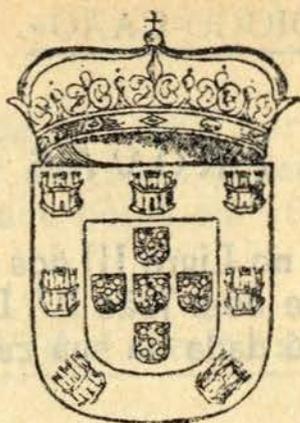
No Arquivo da Câmara Eclesiástica da Diocese de Angola-e-Congo, existem muitos Documentos, relativos a três sacerdotes, que usavam o apelido Pinheiro Falcão :

I — ANTÓNIO FAUSTINO PINHEIRO FALCÃO — Era filho ilegítimo de Pio Pinheiro Falcão e de Maria Josefa ou de Luzia Sebastião. Foi ordenado no Ríode-Janeiro, em 15 de Fevereiro de 1829, pelo bispo dom José Caitano. Por Portaria de 31 de Outubro de 1830, o vigário-capitular Patrício suspendeu-o do exercício de tôdas as Ordens. Em Janeiro de 1832 e 1834, era capelão do côro da Sé. Em 1835, foi nomeado pároco encomendado de Novo-Redondo: e, por Portaria de 3 de Novembro de 1836, foi nomeado pároco de Benguela.

II — TOMÁS DE AQUINO PINHEIRO FALCÃO — Era filho ilegítimo de Benedito Pinheiro Falcão e de Francisca

Joaquim. Foi ordenado de presbítero a 8 de Novembro de 1829, no Rio-de-Janeiro, pelo Bispo do Maranhão, no impedimento do bispo d. José Caitano. Sendo simples minorista, foi nomeado cônego da Sé de Luanda pela Resolução-Régia de 16 de Maio de 1828. A Carta-de-Apresentação, com a data de 3 de Fevereiro de 1831, foi passada em nome de dom Miguel, Rei de Portugal. Tomou posse da cadeira em Julho do mesmo ano. Foi nomeado escrivão da Câmara Eclesiástica por Provisão de 8 de Julho de 1834. A sua nomeação para cônego foi revalidada a 29 de Fevereiro de 1840. Por Carta de 6 de Março de 1842, foi nomeado ou colado no cargo de tesoureiro-mór da Sé. Por Portaria ou Provisão de 2 de Dezembro de 1861 foi nomeado ou eleito capelão e comissário da Ordem Terceira de Sam-Francisco. Morreu em Luanda no dia 7 de Março de 1862. *Causa mortis* : febre-amarela.

III — TIMÓTEO PINHEIRO FALCÃO — Era filho ilegítimo de Maria da Costa Cardoso. Foi nomeado sacristão da Sé de Luanda por Provisão de Dezembro de 1841. Recebeu Prima-Tonsura e Ordens-Menores, a 18 de Dezembro de 1852, das mãos do bispo dom Joaquim Moreira dos Reis. Por Carta-Régia de Janeiro de 1861 foi nomeado cônego da Sé de Luanda. Era arcediogo do Cabido e examinador sinodal em 1861. O bispo dom José Lino de Oliveira deu-lhe ou passou-lhe Procuração, datada de Lisboa a 4 de Setembro de 1864, para, em seu nome, tomar posse da Cadeira e Dignidade Episcopal. Em Setembro de 1866, era Provisor e Vigário-Geral. Por Provisão de Agosto de 1883 foi nomeado para, com os cônegos Manuel Monteiro de Moraes e Caitano Maria Rodrigues, fazer parte da Junta-Governativa do Bispado. Em Janeiro de 1884, era prò-vigário-capitular e arcediogo. Morreu em Lisboa, segundo nos informaram.



DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE 1640...

Efemérides Provinciais

CATÁLOGO DOS GOVERNADORES DE ANGOLA

(Pelo Cónego JOSÉ MATIAS DELGADO,
que Deus haja).

(Continuação da página 42)

- João Fernandes Vieira & André Vidal de Negreiros marcaram no Brasil o seu nome e valor militar nas lútas contra os Holandeses. Nas duas biografias, que são parcelares, o saüdoso cónego Matias Delgado apenas se refere às dâtas dos dois governos em Angola. — *Padre RUELA.*

XXX — João Fernandes Vieira

DÁTAS



Ainda não encontrei nenhum documento relativo à sua nomeação. A sua paténte é de 8 de Julho de 1654.

Tomou posse em 18 de Abril de 1658.

PRÓVAS

A sua patente está no Livro III dos Offícios fl. 141, v. Também na Chancelaria de dom João IV, Livro 26, fl. 149, verso. A data da posse é dada na sua carta contra os Jesuítas,



JOÃO FERNANDES VIEIRA

datada de 15 de Setembro de 1659, de que existe o original junto à consulta de 8 de Abril de 1661. Há contudo na dita carta um erro do governador. A carta começa assim: — *Senhor. Havendo eu tomado posse do govêrno em 18 de Abril aêste ano...* —

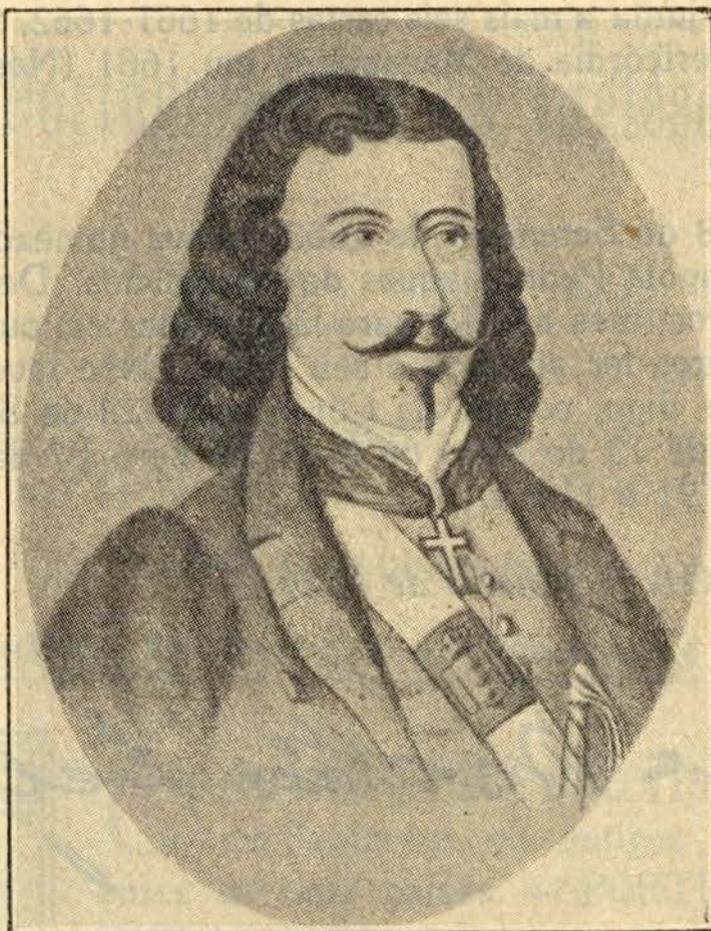
Como disse, a carta é datada de 15 de Setembro de 1659. Devíamos nos fiar nas datas dadas, mas é certo que

Vieira chegou à Luanda em 1658, por onde se vê que quasi não nos podemos fiar de certos documentos. Não resta dúvida de que Vieira tomou posse em 18 de Abril de 1658.

XXXI — André Vidal de Negreiros

D Á T A S

Ainda não encontrei documento algum relativo à nomeação de André Vidal de Negreiros. A sua patente tem



ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS

a data de 2 de Novembro de 1654. O catálogo dos Governadores de Angola diz que tomou posse em 10 de Maio de 1661. Não achei a confirmação desta data, mas deve ser assim, pois

existe uma certidão, tendo no fim um despacho dado por êle e é datado de 28 de Maio. O Vieira ainda escreveu de Luanda em 9 de Abril.

PRÓVAS

A sua paténte está no Livro III dos Offícios, à fl. 138, v., e na Chancelaria de dom João IV, Livro 26, fl. 202. A data de 28 de Maio de 1661 é a do despacho no fim da certidão dentro da carta de Negreiros datada de 21 de Novembro de 1662 sôbre a contribuição para o dôte da Rainha da Grã-Bretanha e paz de Holanda, na Caixa 145. A carta do Vieira está junta a mais seis cartas de 1661-1662, tratando tôdas da Misericórdia de Maçangano em 1661. (Nos maços das Consúltas).

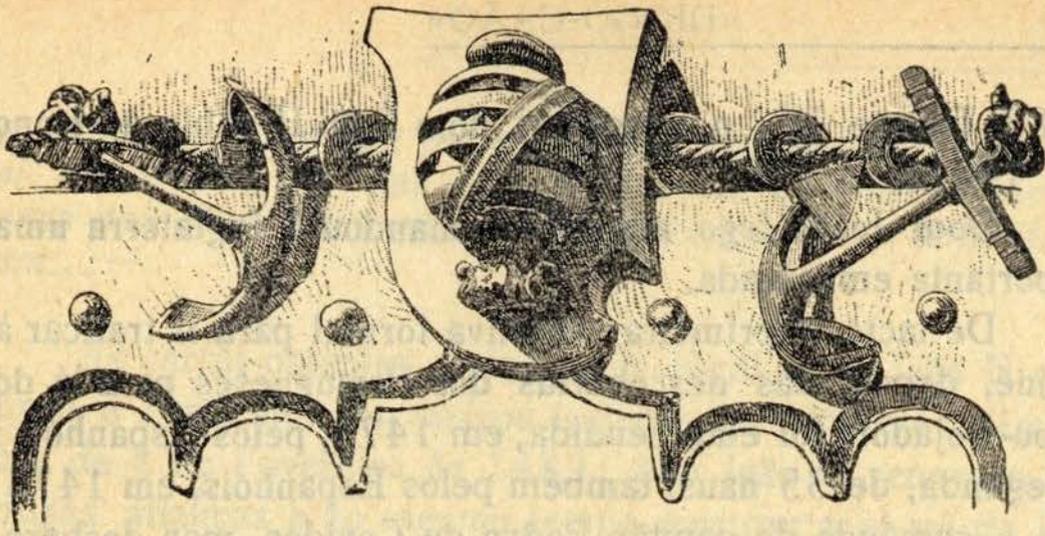
*

Em 28 de Setembro de 1663, estava nomeado governador de Angola Pedro Jaques de Magalhães. Devia suceder ao Negreiros, mas não foi para lá por estar em outro govêrno e o Negreiros ter acabado o seu triênio. Não teve paténte.

O que digo, consta da Consúltas de 28 de Setembro de 1663 e da de 13 de Maio de 1664, no livro IV das consúltas mixtas, fls. 91 e 114, v.

LISBOA — Janeiro de 1929.

João Mathias Leitão



QUESTÕES MARÍTIMAS INTERNACIONAIS

I I

Os Portugueses & os Inglêses

Primeira época

NA DINASTIA-DE-AVIS

CAPÍTULO I

NO REINADO DE DOM JOÃO II

(Continuação da página 76)

4 — Primeiras tentativas estrangeiras



COMO DIZ O SEGUNDO VISCONDE -de-Santarém, os antigos Tratados entre os dois países — PORTUGAL & INGLATERRA — foram confirmados, em todos os tempos, não só pelos vínculos do sangue e pela utilidade da paz, mas também pela *mútua necessidade do comércio*.

Na Inglaterra, governou de 1461 a

1483 Duarte IV: o nosso rei dom João II subiu ao trono em 1481.

Dom João, logo em 1482, mandou à Inglaterra uma importante embaixada.

De facto, a primeira tentativa formal para ir traficar à Guiné, depois das descobertas dos Portugueses para lá do Cabo-Bojador, foi empreendida, em 1475, pelos Espanhóis; a segunda, de 35 naus, também pelos Espanhóis, em 1478, sob o comâdo do capitão Pedro de Covides, mas desbaratada em 1480 por Jorge Correia e Mem de Palha; a terceira pelos Ingêses, em 1481, e a quarta, em 1488, pelo Conde-de-Penamacor.

Pâra o nosso caso presente, não nos importam os Espanhóis: passamos a dizer algo dos Ingêses.

5 — Uma armáda pâra a Guiné

O escritor desta época, Garcia de Rêsende, narra o facto de tentativa inglesa, em 1481, da seguinte maneira:

— *Daqui, de Montemór-o-Novo, mandou el-rei dom João II por embaixador a el-rei de Inglaterra Rúi de Sousa, pessoa principal e de muito bom sabêr, e o doutor João de Elvas, e Fernão de Pina por secretário, afim de confirmarem os tratádos antigos entre Portugal e Inglaterra e também para mostrar o título que El-Rei tinha no Senhorio da Guiné, para que, depois de visto, El-Rei de Inglaterra defendesse, em todos os seus reinos, que ninguém armasse, nem pudesse armar à Guiné, e assim mandasse desfazer uma armáda, que para lá faziam, por mandado do duque de Medina-Cidónia, um João Tintão e um Guilherme Fabião, ingêses... com a qual embaixáda El-Rei de Inglaterra mostrou receber grande contentamento... e em tudo*

fez inteiramente o que pelos embaixadores portuguezes lhe foi requerido; de que elles trouxeram autênticas escrituras das diligências que, com públicos prêgões, se lá fizeram... —

As cartas-patentes, pelas quais el-rei dom João II renovou e confirmou os antigos tratádos lusò-ingleses, têm a dáta de 8 de Fevereiro de 1482: dom João II renovava as antigas alianças e ao mesmo tempo mostrou a el-rei de Inglaterra o título que tinha do Senhorio de Guiné.

Por sua vez, Duarte IV, a 13 de Setembro do mesmo ano, aprovou, confirmou, ratificou, jurou, etc., os ditos Tratádos de paz, amizade e confederação, pára que sejam inviolavelmente observados e mantidos.

A 25 de Junho de 1484, Ricardo III aprovou e confirmou os mesmos tratádos.

6 — O Conde-de-Penamacor

O Conde-de-Penamacor foi um dos cúmplices do duque de Viseu dom Fernando de Meneses, que tentou matar dom João II em Setúbal.

Conseguiu escapar à justiça real e fugiu para Castela; passou para a Flandres e depois, com o nome de Pero Nunes, para a Inglaterra.

Ali começou a comprar mercadorias e outros objectos próprios para os tratos e resgates da Guiné, também reque-rendo e convidando pessoas e armadores para a sua empresa.

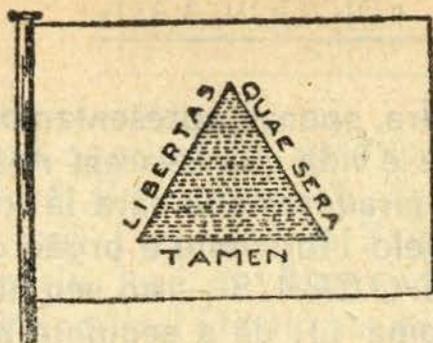
Dom João II, que tinha espiões por tôda a parte, soube ou teve notícia do que se aparelhava e tomou as suas providências imediatas e frutuosas.

— *E El-Rei, por atalhar cousas de tanto seu serviço, ordenou de mandar à Inglaterra em uma caravela muito bem armada a Álvaro de Caminha, cavaleiro de sua casa, que depois foi capitão da Ilha de Sam-Tomé, para que, com algum engano ou dissimulação, prendesse e dito Conde, e o trazer a êstes Reinos ou matá-lo, quando mais não pudesse. E nenhuma cousa destas o dito Álvaro de Caminha pode fazer, nem teve logar para isso, e se veio. E El-Rei, sobre o caso, tornou em 1488, a mandar lá João Alvares Rangel, cavaleiro de sua casa, com instruções e cartas para El-Rei de Inglaterra, (Henrique VII) em que lhe dava conta da deslealdade do dito Conde, pedindo-lhe que, por exemplo de Reis, e mais dêle, que por bem de suas alianças e amizades era a isso, mui obrigado, o quisesse mandar prender, e entregar-lho para nestes Reinos, segundo suas culpas, se fazer justiça dêle, ou, ao menos, fôsse lá preso e para sempre metido em cárcere perpétuo. E El-Rei de Inglaterra, por em alguma maneira satisfazer a seus requerimentos, mandou prender o dito Conde no Castelo de Londres. —*

O nosso dom João II, sabendo da prisão do Conde-de-Penamacor, mandou nova embaixada, presidida pelo licenciado Aires de Almeida, mas El-Rei de Inglaterra se escusou em fazer a entréga do preso. . .

Depois de solto, o Conde-de-Penamacor voltou para Espanha e morreu, em 1493, em Sevilha.

(Continua).



História do Brasil

A INCONFIDÊNCIA-MINEIRA

OU

A CONSPIRAÇÃO DE TIRADENTES

A primeira tentativa de tornar independente todo o BRASIL foi planeada em Minas-Gerais e teve por chefe o alferes de cavalaria Joaquim José da Silva Xavier — o Tira-Dentes — tomando nela uma parte maior ou menor todo o escol do Brasil.

Paulo Merêa & Damião Peres.



NTEM E HOJE E SEMPRE, — COM A ajuda de Santo-António de Lisboa! — os nossos trabalhos de investigação histórica não se limitam tam sòmente a assúntos portugueses ou angolanos: o BRASIL do tempo colonial também nos convida e prende a atenção, porque, como bem sabem os nossos Leitores, foram muito intensas as relações comerciais e políticas entre as duas costas tropicais atlânticas.

No livro, que estamos publicando em fascículos sôbre a

Inconfidência-Mineira, apenas apresentamos DOCUMENTOS que contam a sorte e vida que levaram nos diversos Presídios de Angola os Conspiradores que pãra lá foram deportados.

O diário de Belo-Horizonte e órgão oficial do respectivo Estãdo — *MÍNAS-GERAIS* — no seu número de 22 de Julho de 1932, à página 11, dá a seguinte notícia :

PADRE MANUEL RUELA POMBO : *Inconfidência Mineira* (Os conspiradores que vieram deportados para os presídios de Angola, em 1792). — Edição ilustrada da revista *Diogo-Caão* Luanda, Angola, 1932.

O missionário secular português sr. padre Manuel Ruela Pombo, que assiste, em Muxima (Angola), residiu não há muitos anos em Minas, tendo sido vigário de Sam-Gonçalo do Sapucaí. Nesta cidade sul-mineira, túmulo de Bárbara Heliodora, a desditosa esposa do «inconfidente» dr. Alvarenga (Peixoto), teve aquele sacerdote a fortuna de descobrir no meio da velha papelada do arquivo de sua vigararia algumas relíquias históricas, a respeito das quais escreveu no *Estãdo-de-Minas*, de Belo-Horizonte, vários artigos que trouxeram novas luzes ao conhecimento e estudo da Conjuração-Mineira.

Tendo-lhe entrado o gôsto das investigações históricas, o sr. padre Ruela Pombo prosseguiu em Angola, onde actualmente se acha, as suas fainas de «antiquário amador», como a si mesmo se intitula despresunçosamente. Interessado particularmente em exumar documentos de valia relativos ao Brasil Colonial e aos presídios de Angola, revolveu com paciência beneditina antigos papéis abandonados a môte nos arquivos de Luanda. Esteve tambem em Lisboa, com o mesmo fim, a pesquisar na «Secção Ultramarina» da Biblioteca Nacional daquela cidade, tendo então catalogado todos os cadernos e papéis avulsos referentes à Inconfidência-Mineira. Graças a essa catalogação, ficou notãvelmente facilitada a consúta de tais papéis.

A seguir, meteu ombros ao seu trabálho histórico sôbre o destino que tiveram em África os degredados «inconfidentes», segundo consta de livros pertencentes à Secretaria Geral de Luanda, bem como de outros que foram por êle descobertos.

Como é sabido, os conspiradores mineiros, deportados

por tôda a vida para os presídios de Angola, em 1792, foram os seguintes: dr. José Álvares Maciel, para o presídio de Maçangano; sargento-mór Luis Vás de Toledo Písa, pãra o de Cambambe; dr. Inácio José de Alvarenga (Peixoto), pãra o de Ambaca; tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, pãra o de Muxima; tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, pãra o de Encoge; coronel F. A. de Oliveira Lopes, pãra o Bié. Pãra Benguela-a-Nova, por dez anos, foi enviado Francisco José Ribeiro. Da vida, que levaram nos presídios africanos, poucas informações vieram até nós, como não são em geral muito abundantes as informações relativas à Inconfidência. A documentação coligida pelo sr. padre Ruela Pombo é valiosíssima, pois vem esclarecer certos pontos até aqui duvidosos e em não poucos outros completa a documentação existente, que não é muita.

Dos resultados de tais pesquisas temos agora as primeiras informações através da obra cuja publicação o esforçado sacerdote acaba de iniciar e que está saindo em fascículos de oito páginas, como edição ilustrada da revista *Diogo-Caão*, que aparece em Luanda. Já foram dados a lume os seis primeiros fascículos, os quais formam 48 páginas, de que temos à vista um exemplar, graças à gentileza do autor, que no-lo ofereceu por intermédio do sr. dr. Lúcio José dos Santos, reitor da Universidade de Minas-Gerais e acatada autoridade em assúntos da história mineira.

Além dos numerosos documentos, todos de interêsse, que nêle figuram, e a mais das fotografias, não menos interessantes que o ilustram, mostrando-nos as ruínas dos presídios onde os «inconfidentes» padeceram o triste exílio, as informações mais curiosas são as que se referem ao dr. José Álvares Maciel, formado pela Universidade de Coímbra, cujos conhecimentos o governador de Angola achou de bom alvitre aproveitar, autorizando-o a estudar as riquezas naturais do sertão africano e encarregando-o de construir fornos para o fabrico do ferro na colônia.

Pelo que está publicado, avalia-se facilmente a grande importância que representam para a História de Minas Gerais, e particularmente para o seu episódio mais belo, a Conjuração de Vila-Rica, as pesquisas a que se vem entregando, com admirável fruto, o sr. padre Manuel Ruela Pombo.

*

Dom Joaquim Silvério, Arcebispo de Diamantina, prelado apóstólico e grande brasileiro, também cultor inteligente da história mineira, escreveu-nos a seguinte Cartinha que muito nos consolou :

«Diamantina, 16 de Setembro de 1932.

Prezado e Rev.^{mo} sr.
Padre Manuel Ruela Pombo :

Vou por esta agradecer-lhe o exemplar de seu trabalho sobre a Inconfidência-Mineira, que me veio às mãos por intermédio do grande brasileiro Dr. Lúcio José dos Santos.

Conheço um pouco quam fatigante é a tarefa de consultar arquivos e emmaçar os documentos que se procuram. Avalio, pois, seus sacrifícios, que são felizmente compensados pela alegria transbordante de que V. R. fala ao ter ante os olhos a «*Carta autógrafa do dr. MACIEL, de 2 de Março de 1800*».

Os Mineiros, PRINCIPALMENTE, de hoje e do futuro, lhe ficam a dever profunda gratidão, pois «*são muito escasas, como escreveu o nosso Dr. Lúcio dos Santos, as informações sobre a sorte dos Degredados em África*».

Pedindo a DEUS lhe conserve os dias e lhe dê, em meio das ocupações do ministério, fôlga para nos trazer luzes novas sobre a história da Inconfidência-Mineira, me assino :

Servo grato em Jesus-Cristo

Joaquim, Arcebispo de Diamantina».

*

No número de 9 de Dezembro de 1932 do importantíssimo Jornal do Brasil, que se publica no Rio-de-Janeiro, o erudito historiador e crítico sr. Dr. João Ribeiro publicou o seguinte artigo :

Os Inconfidentes, novos Documentos

A história contemporânea é sempre um mito, ou, pelo menos, uma tentativa de aproximação. Em geral, não sabemos bem o que se passa ao redor de nós mesmos. As paixões perturbam o ambiente. Estamos convencidos de que o nosso testemunho é o mais seguro, e, entretanto, freqüentemente é o que mais deturpa e altera a verdade.

Só depois de muito tempo, começa lentamente a sedimentação dos factos. Pouca cousa se apura no presente; o futuro sempre vem a saber mais e melhor que nós que vivemos na atmosfera dos acontecimentos.

Sirva de exemplo a história dos *Inconfidentes* que ainda hoje se processa com as achéguas históricas, imperceptíveis ou fugitivas.

O interêsse da corôa portugueza não quis dar-nos tôda a verdade, porque a sua política era discreta num tempo em que a emancipação dos povos conflagrava o mundo.

Não era ignorada a história da América nas suas colônias inglesas.

Daí a imperfeição da nossa história naquela época.

Pouco a pouco é que se vai fazendo a luz a respeito de personagens que pela sua evidência deviam ser melhor conhecidos.

Os *Inconfidentes* estão nessa fase crepuscular.

A história, por exemplo, de Gonzaga e do Tiradentes ainda vae exigir um período longo de pesquisas.

De Cláudio Manuel da Costa foram descobertas e olhadas há poucos anos pelo Barão de Ramiz Galvão as odes e poesias inéditas, incluídas na edição que fizemos das obras do



TIRADENTES

poeta. Mais tarde, Caio de Melo Franco acresceu esse espólio com o manuscrito de uma peça dramática. E há muita coisa da vida do poeta em Coímbra e no Brasil que continua na sombra até que seja revelada quando menos se espere.

Agora mesmo um sacerdote e missionário português, o Pabre Manuel Ruela Pombo, acaba de publicar em interessante opúsculo os documentos que achou nos arquivos africanos à cêrca dos Inconfidentes que foram deportados para os presídios de Angola.

Missionário e arqueólogo — *antiquário amador* — como modestamente se intitula, o Padre Ruela publicou em edição da revista *Diogo-Caão* um material importante pãra a história dos conjurados de 1789 de Minas-Gerais.

Angola vivia em constantes relações com o Brasil na época da escravidão e mesmo depois da nossa Independência; no primeiro Império e na Regência era tam intenso o comércio entre as duas costas fronteiras do Brasil e da África que se pensou na possível união dêsses domínios e sua incorporação ao Brasil.

A razão principal, é triste dizê-lo, devia ser o nefando comércio dos escravos. E' certo, porém, que desde o século XVII havia constante intercâmbio económico, religioso, e militar entre Luanda e a Baía e Rio-de-Janeiro. Na época colonial, os exércitos da defesa por vezes serviram de um lado e de outro na conservação do império português.

Os *Inconfidentes* foram, alguns, deportados para Angola.

O proprio Tomás António Gonzaga, o poeta *Dirceu*, também para lá foi a princípio, pãra o presídio de Pedras Negras de Pung-Andongo, em degrêdo perpétuo: mas, reduzida a pena a dez anos, foi mandado para Moçambique, onde casou e onde morreu, em 1807.

Os degredados pãra Angola foram Inácio José de Alvarenga — em *Ambaca*, Francisco de Paula Freire de Andrade — em *Encoge*, Luís Vale de Toledo Pisa — em *Cambambe*, José Álvares Maciel — em *Maçanganø* e Domingos de Abreu — em *Muxima*.

O Padre Ruela com dedicado esforço e inteligência, reuniu os documentos oficiais antigos, e muitos dêles de palpitante importância. As portarias e officios do governador recomendando os presos aos capitães-móres, aos *dembos*, *sovas*

e *macotas* para que auxiliassem as diligências necessárias e de responsabilidade pelos detentos, são aqui reproduzidas com fidelidade e exacção.

Alvarenga Peixoto logo morreu, não resistindo à inclemência do clima, nem talvez, à dolorosa separação dos que ficaram na terra pátria.

Maciel dedicou-se á mineração do ferro, movimentando o serviço dos pretos a quem ensinou os métodos de trabalho.

Não pretendemos resumir o conteúdo por sua natureza sintético, mas apenas queremos indicar o nome do missionário arqueólogo e o serviço prestado ao Brasil por essa interessante contribuição histórica.

O Padre Ruela, antes das suas missões em África, viveu no Brasil e foi vigário de S. Gonçalo de Sapucalí (onde morreu Barbara Heliadora, a esposa do conjurado poeta Alvarenga Peixoto).

Actualmente serve no presídio angolense de Muxima e, como se vê, não se esqueceu da terra mineira.

Assim, pois, como dissemos acima, a história da conjuração mineira não está ainda esgotada e cada vez se avoluma mais o acervo de documentos e de informações até agora inéditos.

Esse interêsse é tanto maior quanto os revolucionários daquele tempo foram espíritos de escol e talvez os homens mais eminentes da sociedade colonial.

*

O Ex.^{mo} sr. General Norton de Matos, primeiro e... único alto Alto Comissário de Angola, em cartinha com data de 11 de Junho de 1933, escreveu-nos o seguinte, que agradecemos :

— «*Rev.^{mo} Sr. Padre Ruela. Venho agradecer-lhe muito penhorado a sua amável oferta dos fascículos que V. R. já publicou sobre a «Inconfidência-Mineira». Li-os durante a noite que acaba de passar e achei-os muito interessantes.*

Notei com desvanecido interêsse quanto os nossos Maiores cuidavam de tudo o que representava o aumento da produção de Angola, o aumento de seus recursos, a sua mise en valeur, como se diz agora. De facto, o que se fez para aproveitar a riqueza em ferro, que possui Angola, é verdadeiramente notável e digno de ser continuado.

Também vi, com o mesmo desvanecido interêsse, quanto cuidado merecia aos meus Antecessores daqueles tempos no Govêrno de Angola o trabalhador indígena. Sinto-me feliz por ter feito alguma coisa, ainda que modesta e humilde, para continuar a obra do passado...» —

Nóta do p. R. — Dêste nosso trabalho temos já publicados 10 fascículos ou sejam 80 páginas.— As bibliotecas e arquivos e mais pessoas, a quem oferecemos os 6 primeiros, queiram reclamar os outros 4, porque a lista das ofêrtas anda perdida entre os nossos papéis, que, por causa da nossa mudança de Angola para Lisboa, ficaram na mais desordenada confusão e o nosso mau estado de saúde ainda não permitiu que os puséssemos em ordem.

A nossa falta de saúde e... as nossas novas obrigações de estudante...

Com a licença canónica da Autoridade Eclesiástica do Patriarcado de Lisboa.

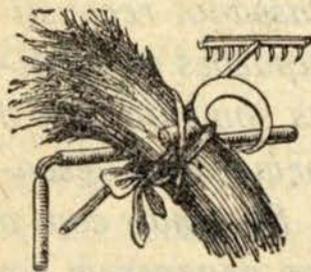


MISCELÂNEA

— de —

apontamentos velhos e antigos
— impressões, comentários, crítica —
nótas à margem
&
novidades

Historiographia Angolana



TAREFA OU TRABALHO FÁCIL E mostrar aos nossos bons, e também maus, Leitores que nos Arquivos Portugueses se esconde ou guarda uma riquíssima mina de DOCUMENTOS relativos à Historia-de-Angola: o fruto ou colhêita das nossas investigações, isto-é, o nosso exame pessoal das FONTES puras aqui fica patente nestas páginas.

Dos témas ou pontos por nós estudados alguma luz, muita luz nova, temos creado nas densas trevas da ciência ou cultura angolana.

Náda mais temos feito e faremos do que acordar ou estudar papéis velhos e antigos, que estão adormecidos.

— «A história só em época relativamente próxima de nós começou a ser estudada com rigoroso método científico. Ainda hoje, mesmo nos países mais cultos, é frequente o engano dos que pretendem fazer dos assúntos históricos pretexto para improvisações brilhantes e veículo para rápida notoriedade. Daí o injusto descrédito que esta historiografia superficial e efémera acarreta às vezes à própria história. No Brasil, o perigo é ainda maior, dada a tendência para a oratória e a generalização apressada, a falta de hábitos de pesquisa pessoal paciente e minuciosa e — digamo lo com inteira franqueza — a culpa dos programas, processos de ensino e de exames nos cursos oficiais.

Enquanto os professores não desistirem das preleções em tom de conferência ou discurso e os alunos decorarem páginas escritas que terão grau tanto mais alto quanto mais extensas e eloqüentes forem. — o estudo sério e profundo da história pátria será uma aspiração de reduzido grupo de reaccionários.

Desde cêdo, é necessário que o ESTUDANTE compreenda como é importante conhecer o Passádo, reconstituindo pacientemente os factos sem preocupações de partidos, de credos políticos ou religiosos, mas sòmente com o fim de apreciar serenamente a óbra de formação e desenvolvimento do mêio social a que pertence. Evitando com o máximo cuidádo que os trabalhos escritos degenerem em panegíricos palavrosos ou em dissertações superficiais sem fundamento bibliográfico sólido, o PROFESSOR deve habituar os seus ALUNOS à pesquisa pessoal nos arquivos e bibliotecas, adextrando-os na crítica imparcial, sem cujo emprêgo não existe verdadeira história.» —

Estas linhas, que acabam de ler, dá-as o sr. dr. Jónatas Serrano na Introdução da sua *História do Brasil*, às páginas 3 e 4 da edição de 1931.

Lá por Angola, na verdade, os *historiadores*, salvo seja!, têm... vôo curto e fraquíssima crítica: na ligeira narração confundem a eloquência com a VERDADE, e na crítica empregam o elogio ou a verrina, sem o justo senso da exactidão.

No *mercádo intelectual* de Angola tudo se aluga e compra e vende: *graixa e cebo, barulho e silêncio, música e foguetes...*

LISBOA, Nov./1933.

Padre RUELA.

Três assentos de óbitos de Governadores de Angola

I — Governador SALDANHA. Livro número 2 de Óbitos da freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Pungo Andongo, à fôlha 10:

— «Aos 22 de Agosto de 1836, neste Presídio das Pedras de Pungo Andongo e Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, sepultou-se o cadáver do 11.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Governador Militar e Civil — DOMINGOS DE SALDANHA OLIVEIRA E DAUM; e só recebeu o sacramento da Extrema-Unção; acompanhado em procissão com a Cruz da Fábrica e foi por mim encomendado solenemente. E, para constar, mandei lavrar este assento no Livro dos óbitos, que presentemente existe nesta Paróquia. O vigário encomendado: — Bernardo José Pinheiro». —

Tem a seguir esta declaração ou cóta:

— «Os ossos deste Senhor foram remetidos para

Luanda por ordem do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Deão e Governador do Bispado, no dia 4 de Outubro de 1838. O vigário encomendado: — Joaquim Lopes da Costa.

Nóta do p. R. — Lopes de Lima dá como *causa mortis* — uma febre atáxica.

II — Governador BERSANE LEITE. Livro número 1 de Óbitos da Paróquia da Conceição de Luanda, à fôlha 144:

— «Aos dez do mês de Julho do ano de 1843, faleceu com o sacramento da Extrem-Unção o Il.^{mo} e Ex.^{mo} Chefe de Esquádra — JOSÉ XAVIER BERSANE LEITE, Governador-Geral que foi desta Província, o qual teria mais de 60 anos. Não fez Testamento, cujo corpo se acha sepultado no Carneiro do extinto Convento de Santo-António, tendo sido por mim encomendado solenemente. E, para assim constar, fiz êste assênto que assínei. — Manuel Monteiro de Moraes». —

Nóta do p. R. — J. D. Cordeiro da Máta, na sua *Cronologia de Angola*, manuscrito da Biblioteca Municipal de Luanda, à página 71, dá como *causa mortis* — a disenteria (maculo),

III — Governador ELEUTÉRIO DANTAS. Livro número 4 de Assentos de óbitos da Paróquia da Conceição de Luanda. Ano de 1882, assênto n.º 24:

— «Aos 7 do mês de Junho de 1882, no Palácio dos Governadores desta Província de Angola e Freguesia de Nossa Senhora da Conceição no Bairro Alto desta Cidade de Luanda, diocese de Angola-e-Congo, faleceu, tendo recebido os Sacramentos da Santa Madre Igreja, um indivíduo do sexo masculino por nome — ANTONIO ELEUTÉRIO DANTAS, Capitão de Fragata, Conselheiro e Governador-Geral desta Província, solteiro, de idade provável de 45 anos, natural de Lisboa. Ignora se os nomes de seus pais. O qual não consta ter feito Testamento, e foi depositado

na Capela do Cemitério-Público desta Cidade. E, para constar, lavrei em duplicado êste assênto, que assino. Éra ut supra. O pároco encemendado: — Caitano Maria Rodrigues». —

António de Oliveira de Cadornega

No número próximo desta revista começaremos a publicar o I tómo da *História Geral das Guerras Angolanas*.

O tómo II, em separata da antiga revista *Portugal em África*, acha-se à venda, por trinta angolares, na Câmara Eclesiástica de Luanda, caixa postal 87, ANGOLA.

A nossa edição é cópia do autógrafo que existe na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

Também publicaremos, nas nossas páginas, a história da fundação do Convento de Nossa Senhora do Carmo, no bairro da Inqombota, na cidade de Luanda.

Nas bibliotecas e arquivos de Lisboa não faltam DOCUMENTOS de História-de-Angola: vulgarizá-los é o nosso desejo e intenção.

Já temos em nossa posse também o I capítulo da *Vera Descriptio* de Duarte, Lopes & Philippe Pigafetta, em tradução feita directamente da edição italiana pela ex.^{ma} doutora dona Rosa Carvalheira y Capeans, nossa Colega no Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista.

P. R.

Portugal Militar & Naval

Um bispo francês, cujo nome neste momento não nos vem à memória, escreveu que não podia fazer bom juízo do padre que, na sua estãte, não tinha, ao lado da Bíblia, a História da Igreja Católica: o mesmo podemos dizer do MILITAR que não conhece ou estuda a história da sua honrosa profissão.

Isto escrito, aqui vamos fazer rèclâmo... gratuito dum útil livro.

O sr. Cap. de cavalaria Carlos Selvagem é autor do bem organizado *Compêndio de História Militar e Naval de Portugal*, com 688 páginas, o qual se encontra à venda na Imprensa Nacional de Lisboa por 40\$00.

Aos srs. Militares de Angola, de terra e mar, seja qual fôr a sua graduação, aconselhamos esta boa cômpra.

P. R.

Moedas de Angola

Com tôda a lealdade e atenção, e também pâra evitar farisaicas interpretações pessoais, aqui ficam publicados êstes 3 Documentos.

Os dois primeiros foram por nós recebidos, ainda no Presídio de Muxima, pelo correio de 3 de Agosto.

Pelo terceiro se prova, que no devido tempo, a benemérita e veneranda Associação dos Arquéologos, do Carmo, nos agradeceu, muito delicadamente, as duas referidas reméssas ou ofértas de Moedas.

P. R.

I

Lisboa, 13 de Julho de 1933.

Meu Ex.^{mo} Amigo:

Acabo de ler no n.º 2, II série, da revista DIOGO-CAÃO da ilustrada direcção de V. Ex.^a, uma local, à pag. 53; intitulada *As micutas... carimbadas*, em que o meu nome apparece de mistura com várias relicências que poderão ser mal interpretadas. Imediatamente escrevi ao meu amigo sr. Júlio Nunes de Freitas, que foi conservador da Secção de Numismática da Associação dos Arquéolos, a solicitar-lhe a confirmação da minha entrega, por parte de V. Ex.^a, das moedas de cobre e cédulas a que a citada local se refere. A respos-

ta consta da cópia junta, cuja publicação rogo a V. Ex.^a se digne fazer no próximo número da sua revista.

Por outro lado, escrevi também ao Ex.^{mo} Secretário Geral da Associação do Arqueólogos, solicitando-lhe se dignasse informar V. Ex.^a do que sôbre o assunto conste das actas e relatórios da Associação.

Como o caso é de muito melindre e envolve o meu nome, espero que V. Ex.^a lhe dispensará tôda a sua atenção.

De V. Ex.^a M.^{to} At.^o V.^{or} e Obrig.^o.

Frazão de Vasconcelos.

II

Cópia

«Lisboa, 13 de Julho de 1933. Meu caro Frazão de Vasconcelos: Em resposta à sua carta, que acabo de receber, apresso-me a comunicar-lhe que foram duas as remessas de moedas e cédulas que o meu amigo me entregou, da parte do reverendo Padre Ruela Pombo, quando eu era conservador da Secção de Numismática da Associação dos Arqueólogos. A segunda destas remessas foi por mim agradecida em carta dirigida ao ofertante. Quanto às moedas, lembro que algumas, visto não as termos, foram aproveitadas para os medalheiros da Associação, juntando-se as outras aos muitos duplicados que tínhamos para trócas. Eis o que posso informar sobre o assunto. Creia-me seu muito amigo (a) *Júlio Nunes de Freitas.*

III

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Padre
Manuel Ruela Pombo. — Angola.

Lisboa, 25 de Abril de 1931.

Como conservador da Secção de Numismática e em nome da mesma venho agradecer a V. Ex.^a as moedas que já por

duas vezes se dignou enviar para esta Associação, por intermédio do meu Ex.^{mo} consócio Sr. Frazão de Vasconcelos, contribuindo assim para o engrandecimento do nosso Museu.

No nosso Museu faltam as moedas de S. Tomé e Príncipe da república e são também colleccionadas as moedas estrangeiras. Tudo, portanto, quanto V. Ex.^a nos possa obter, será sempre recebido com o mais vivo agradecimento.

Sou com a mais alta consideração.

De V. Ex.^a
M.^{to} At.^o V.^{or} e Obrig.^o.

Júlio Nunes de Freitas.

Arimo do Bruto, na margem do rio Quanza

No livro dez de Vários-Documentos da Câmara Eclesiástica de Luanda, às fôlhas 67-31, consta que pertenciam à Mitra de Angola e Congo os terrenos do Arimo do Bruto, por cômpra.

Esta questão, como ali está notado, "*se acha desde fôlha 190 até 198 do Livro II das Ordens-Régias expedidas pelo Conselho Ultramarino*".

O Breve-Pontifício tem a dáta de 10 de Novembro de 1736 e a Escritura-da-Cômpra a de 20 de Março de 1749.

O dono desta sesmaria era o destemido sertanejo António Bruto, que foi morto na madrugada de 17 de Maio de 1643 pelos Holandeses, quando atacaram o arraial português do Bengo.

Depois, passou a pertencer ao capitão-mór Vicente Pegado da Ponte, de quem a herdou a sua viúva dona Maria de Velória Côrte-Real.

Em Abril de 1739, era administradora dêste Morgado, vinculado e com capela, dona Bárbara Zuzarte Côrte-Real.

Presentemente, êstes terrenos pertencem à chamada Fazenda do Bom-Jesus.

P. R.

«DIOGO-CAÃO»

(Continuação)

36)

Deu-nos o prazer da sua honrosa visita a interessante revista de assuntos angolanos *Diogo-Caão*, que se publica em Luanda sob a inteligente e metódica direcção do sr. Padre Manuel Ruela Pombo, erudito missionário secular português, que modestamente se designa de *antiquário amador*, mostrando-se aliás um proficiente e estudioso investigador que ao pó dos arquivos vai patrioticamente arrancando interessantes conhecimentos e factos históricos, vulgarizando-os. Pena é que nesta Colónia de Moçambique, de história tam rica, não exista uma publicação similar, que de grande utilidade seria, e viria preencher uma necessidade espiritual de muitos colonos e nativos.

— Recebemos também os 8 primeiros fascículos da *Inconfidência-Mineira*, esplendida edição ilustrada da revista *Diogo-Caão*, e interessante monografia documentária relativa aos Conspiradores que do Brasil foram deportados para Angola em 1792, — valioso e paciente trabalho do mesmo sr. Padre Ruela.

Com afectuosas saudações, os nossos agradecimentos.

(Do número 8 de — *O NORTE* — que se publica na Cidade e Ilha de Moçambique.)

37)

Só agora me chega às mãos, por obsequiosa interferência do sr. Director do Arquivo Histórico Colonial, onde há dias estive, a revista *Diogo-Caão*, que V. teve a penhorante amabilidade de me oferecer. Percorri todos os exemplares, — dez da I série e um da II —

dessa interessante publicação de que V. é director e principal collaborador, segundo se depreende da sua leitura. Não tenho a honra de conhecer V. pessoalmente, mas conheço-o de nome e fico agora a conhecê-lo pela sua obra, que revela, a par de grande cultura em muitos ramos dos conhecimentos científicos, tenacidade e força de vontade raras, como aliás é próprio de um missionário. Lê se com muito prazer a variada matéria de todos esses folhetos, onde abundam as notícias para a história de Angola.

Felicito muito cordial e sinceramente V. pela sua Revista, que, amparada pelo interesse do público, que de-certo não lhe faltara, e pela grande dedicação de seu illustre autor pela causa de Angola, irá de-certo longe.

(De uma Carta do sr. *General Teixeira Botelho.*)

38)

Ao Rev.^{mo} Sr. Padre M. R. P. o Basílio de Magalhães cordialmente cumprimenta e agradece, muito penhorado, a gentileza da oferta dos interessantes fascículos sobre os Conjurados de Minas-Gerais deportados para Angola em 1792, que acaba de receber e ler com assinalado proveito. É o preenchimento de uma sensível lacuna de tam excelso episódio da evolução brasileira. Pedê o favor da remessa da continuação do curiosíssims trabalho e de outros quaisquer de sua lãvra — para a rua de Sam-Clemente, 120 (Botafogo). Espera, oportunamente, referir-se pela Imprensa ao excelente trabalho histórico. — Rio-de-Janeiro, 4-X-932.

39)

Venho agradecer-lhe, meu Padre e Amigo, a amável oferta dos números curiosos da sua revista *Diogo-Caão*, que tenho recebido com toda a regularidade. Fico sempre comovido quando verifico que de Angola se não esquecem de minha pessoa. Sou um apaixonado por tudo que é de Angola, como sabe, e só não voltei de novo a visitá-los porque não me têm deixado ir até aí.

(De uma Cartinha do sr. Dr. Luís Carrisso, Lente da Universidade-de-Coímbra)